

REVISTA
BRASILEIRA
DE **SEGURANÇA PÚBLICA**

Volume 12

Número 2

Agosto/Setembro de 2018



ISSN 1981-1659



Os caminhos da pesquisa em Violência nas Escolas: entrevista com Miriam Abramovay

Miriam Abramovay

Socióloga e doutora em Ciências da Educação pela Université Lumière Lyon 2 - França. É Coordenadora da Área de Juventude e Políticas Públicas da FLACSO- Brasil. É autora e coautora de vários livros e artigos nos temas de Juventudes, Violências nas Escolas, Gênero, com ênfase em educação, gênero, violências nas escolas, violência e juventude, juventude e políticas públicas, gangues e segregação social.

 m.abramovay@flacso.org.br

Valeria Cristina de Oliveira

Professora adjunta do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). Doutora e Mestre em Sociologia pela UFMG. Pesquisadora do Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública (CRISP/UFMG) e do Núcleo de Pesquisa em Desigualdades Escolares (Nupede). Desenvolve pesquisas sobre violência em contexto escolar, mecanismos informais de controle social e efeitos de vizinhança.

 valcrisoli@ufmg.br

Flavia Pereira Xavier

Mestre e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG). É pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Desigualdades Escolares (Nupede) e desenvolve pesquisas nas áreas de Avaliação Educacional, Sociologia da Educação e Estratificação Educacional.

 flaviapx@ufmg.br

Luiza Meira Bastos

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Foi pesquisadora do Centro de Estudos da Criminalidade e Segurança Pública (CRISP/UFMG). Atualmente é doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ) e participa do Núcleo de Pesquisas em Direito e Ciências Sociais - DECISO. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: uso de drogas, violência nas escolas, segurança, agentes penitenciários, prisão, punição e direito. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

 bastosm.luiza@gmail.com

Miriam Abramovay é um dos principais nomes quando se trata de pesquisas sobre violência nas escolas, juventude e educação. Ela é socióloga e doutora em Ciências da Educação pela Université Lumière Lyon 2 - França. Nesta entrevista, a pesquisadora desenhou um quadro sobre o tema da violência nas escolas no Brasil, a trajetória e possibilidades de pesquisas futuras no país. Além disso, Miriam Abramovay apresenta suas impressões sobre bullying, escolas militares e formação de professores.

Entrevistadoras: *Gostaríamos que você nos contasse um pouco da sua formação em Sociologia e como o tema de violência nas escolas surgiu como objeto de investigação.*

Miriam: Bom, eu morei muito tempo fora do Brasil e eu estava fazendo um trabalho com o BID¹. Eu estava morando nos Estados Unidos e fui fazer um trabalho no BID em El Salvador e eu tinha morado muitos anos em Costa Rica também, onde a minha trajetória era mais na questão de gênero. Quando eu fui para os Estados Unidos, o BID me convidou como consultora para um projeto.

Como vocês sabem El Salvador tem esse histórico de violência, eles tinham acabado na época a guerra, a população jovem que morava nos Estados Unidos estava voltando para o país. El Salvador tinha um grande problema que surgiu nessa época (era mais ou menos em 1992), de violência e de violência nas escolas. Porque esses meninos voltavam para El Salvador, e muitos deles pertenciam a gangues nos Estados Unidos e vinham com uma cultura muito diferente, voltada para os grupos de gangues, que é um fenômeno que tem consequência até hoje no país. Como vocês sabem, a questão das gangues em El Salvador e em quase todos os lugares da América Central é muito importante. Eram gangues que se formavam fora e, quando esses meninos chegavam no seu país isso tinha muita consequência dentro das escolas, para eles, seus pares e suas famílias.

¹ Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Quando eu voltei para o Brasil eu fui dar aula na Católica de Brasília. Eu fui morar em Brasília e nesse momento, junto com a UNESCO², nós começamos a questionar a respeito da escola. Como era a escola, como era o funcionamento da escola e o que estava acontecendo com a educação no Brasil? A primeira pesquisa que teve um impacto nacional foi a de violência e juventude, porque não se falava nessa época de violência e o tema juventude ainda não era reconhecido como importante.

Se você me perguntar que ano foi isso deve fazer uns 15 anos pelo menos ou pouco mais. Então surgiu essa oportunidade de nós fazermos uma pesquisa pela UNESCO junto com a Universidade Católica de Brasília sobre o tema de juventude e violência. Isso se deu pela morte do índio Galdino, assassinado por meninos de classe média alta. Ele [Galdino] estava dormindo no ponto de ônibus e estes jovens o mataram, colocando fogo na sua roupa. Neste momento o tema da violência e juventude aflorou. Nessa época nós fizemos um trabalho em Brasília, no Ceará e no Paraná também, mas o primeiro foi em Brasília. Estes trabalhos, acompanhados pelo Mapa da Violência, foi coordenado por Julio Waiselfisz. Essa pesquisa em Brasília começou a ser realizada dentro das escolas, a gente entrevistava meninos e meninas dentro da escola para saber o que eles achavam, porque que acontecia isso, porque essa violência. Como que uma pessoa, principalmente um jovem, era capaz de queimar a outra e o que levava a isso? Saiu um bonito trabalho.

A partir daí, eu comecei a me dar conta, durante as entrevistas, que além do que eu estava trazendo, coisas aconteciam dentro das escolas que a gente nem imaginava e aí eles citavam brigas, eles citavam entrada de armas, eles citavam todo tipo de preconceito. Foi aí que surgiu a ideia e, nessa época, existia a possibilidade porque existiam fundos para fazer, nós fizemos uma pesquisa muito grande, eu acho que chamava *Violência, AIDS e DROGAS*³. Por que AIDS? Porque era um tema de saúde e o Ministério da Saúde estava dando dinheiro também. No fundo foram três pesquisas em uma só: uma sobre violência nas escolas, outra sobre juventude e sexualidade e a terceira sobre juventude e drogas. Então, nessa primeira pesquisa sobre violência nas escolas, apareceram os relatos de todos os tipos

² Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

³ Os resultados da pesquisa são apresentados no livro “Violência nas escolas” publicado pela UNESCO. Ver: ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. *Violências nas Escolas*. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2002. v. 1. 400 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000125791>. Acesso em: 18 de jan. de 2019.

de violência, além das violências duras, os problemas relacionados com o clima escolar e as relações sociais entre todos os atores.

Quando nós terminamos esses três trabalhos, foi um trabalho de uns 2 a 3 anos com as correspondentes publicações. Logo depois, realizamos outra pesquisa sobre experiências inovadoras nas escolas, violência nas escolas e, três anos depois, saiu uma terceira somente sobre Brasília. Nós continuamos fazendo pesquisas apesar de que nessa época já havia uma demanda para a intervenção em políticas públicas. A gente deveria fazer uma proposta, mas nós éramos muito puristas, então, continuamos na pesquisa e, na pesquisa, devolvíamos os dados etc., mas passou ano, passou ano e nada acontecia. E é muito incrível porque, por exemplo, se você pega aquela primeira pesquisa, eu acho que ela saiu em 2002, ou seja, são 16 anos, se você fosse fazer a mesma pesquisa hoje tem muita coisa que é semelhante.

Então, nós continuamos a trabalhar o tema, com muitas críticas à escola, porque a escola nunca sabia o que fazer, jogavam para debaixo do tapete a problemática e diziam “Não, a violência vem de fora para dentro”. Nós começamos a mostrar então que não era assim, que existia uma violência institucional da própria escola, uma violência cotidiana, uma violência de professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, diretor-professor. Enfim, o grande problema da escola eram as relações sociais que eram muito ruins e também o clima escolar. Existia um clima escolar onde as pessoas se sentiam mal. É claro que o clima escolar não é sempre negativo, mas existem algumas coisas que são comuns relacionadas a esse clima escolar.

Foi aí, que passados alguns anos, nós recebemos uma proposta do BID para um projeto de intervenção, onde nós fazíamos uma pesquisa que era sobre fatores de risco e fatores de proteção na escola. Antes nós fizemos uma pesquisa para o Ministério de Educação que já tinha, vamos dizer, essa pegada de intervenção, no sentido de que a gente fez a pesquisa, a gente devolveu os dados e a gente começou a cobrar que se tinha que fazer alguma coisa. Infelizmente com as mudanças políticas o trabalho foi interrompido.

Com o BID nós fizemos uma pesquisa que foram só em duas capitais do Brasil, nós fizemos como piloto, com a ideia de que depois os estados e municípios pudessem incorporar a ideia nas suas esco-

las, nas suas políticas públicas. Nesse projeto⁴ se fazia a pesquisa, se devolvia os dados e a pesquisa tinha a ver com outra questão que a gente também, ao longo dos anos, se deu conta, que é a questão da falta de participação. Ou seja, que essa escola que existe é uma escola que nega a cultura juvenil, uma escola que não está feita nem para os adolescentes nem para os jovens, talvez para as crianças porque eles aceitam mais, de forma mais tranquila e mais passiva, e enfim eles ainda podem ter uma relação com a escola que é diferente do adolescente e do jovem. A partir de uma pesquisa realizada com o MEC sobre o Ensino Médio⁵, a questão da participação dos jovens, da falta de diálogo é uma constante, então toda a nossa intervenção nesse projeto do BID estava ligada à questão da participação para mudar o clima escolar, para mudar as relações sociais da escola e obter uma melhor convivência.

Nós fizemos a pesquisa e devolvemos para a Secretaria de Educação. A secretária de educação, como sempre, disse: “Ah muito bem, muito bom, etc.” e aí nós começamos a trabalhar com cinco escolas, nessas cinco escolas nós apresentamos para eles, baseado nos resultados da pesquisa que não foi só um *survey*, mas também grupos focais e entrevistas. Baseado no que eles diziam que eles queriam mudar a escola, nós apresentávamos a possibilidade de um plano de ação para eles, e foram convocados cerca de 20 jovens que queriam participar, e com eles e os professores se determinava como seria o plano de ação específico para cada escola. Além disso, reforçamos a ideia de que eles também podiam ser pesquisadores da sua realidade, então nós os capacitamos para tal, com materiais específicos. Livrinhos pequeninhos, de 20 páginas, que fez com que eles entendessem a respeito do que estava se falando. E aí eles começaram a pesquisar a sua realidade.

Primeiro, “o que é ser jovem no Brasil hoje?”. Segundo, “o que é violência nas escolas?”. Terceiro, “como se faz uma pesquisa?”. E, quarto, a partir da pesquisa, “como se faz um diagnóstico participativo?”. Porque a nossa intenção no final era de que eles pegassem todo esse material, além do Plano de Ação, e transformasse em ma-

4 A pesquisa e a intervenção fizeram parte o projeto “O papel da educação para jovens afetados pela violência e outros riscos no Ceará e no Rio Grande do Sul” realizado pela pesquisadora e sua equipe da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) entre os anos de 2016 e 2017.

5 Ver: ABRAMOVAY, M. (Org.); CASTRO, M. G. (Org.). *Ensino Médio: Múltiplas Vozes*. Brasília: UNESCO; MEC, 2003. 662 p. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2018/08/Guia-Estudantes.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

teriais como cartazes, programas de rádio, teatro, etc. Em um material possível, que todos pudessem ter acesso. Então eles fizeram essas três atividades e finalmente tinham que escrever, fazer um diário de campo. E isso foi uma coisa incrível e a mais difícil, porque não estão acostumados a escrever. Eles não gostam! Eu acho que na próxima vez que nós trabalharmos, a gente vai ter que mandá-los gravarem e mandarem, para a gente, gravado porque escrever é difícil.

Efetivamente parecem coisas muito bobas que aconteceram [como resultado da intervenção], mas nós conseguimos que eles tivessem uma maior participação na escola. Por exemplo, as regras de uma escola. Era proibido usar boné, era proibido usar calça jeans que não fosse escura e era proibido colocar um tênis que não fosse preto. Eles estavam revoltados com isso. Então, eles conseguiram que alguns diretores mudassem essas regras. Agora, o que a gente não teve tempo foi de acompanhar para ver se efetivamente houve uma mudança. Vimos que teve uma mudança ali, enquanto a gente estava lá, presente.

Esse, efetivamente, foi o último trabalho que nós fizemos. Iríamos “entrar” em Minas Gerais, estivemos com a secretária de educação, o projeto estava aprovadíssimo. Entraríamos no curso de formação de professores, com esse tema, para mil professores, já tinha sido anunciado, saído no diário oficial e, infelizmente, com esse problema de orçamento e eleição (eu acho), eles suspenderam o projeto.

Entrevistadoras: *Miriam, essa última pesquisa nas cinco escolas foi realizada onde? No Rio de Janeiro?*

Miriam: Não, no Rio a gente não trabalhou, é um local difícil e esperamos um dia poder fazê-lo. Essa última foi realizada em Porto Alegre e em Fortaleza. E a partir daí nós até elaboramos dois guias para trabalhar com professores e diretores. Dizendo, a partir do programa, o que eles poderiam fazer nas escolas e dando vários exercícios para trabalharem nas suas próprias escolas, por eles mesmos, sem depender da gente. Esses guias vão ser lançados dia 31 de Julho [2018] lá em São Paulo com a COMUNITAS⁶, e nós vamos distribuir amplamente para as Secretarias de Educação, enfim, para outros interessados, é um evento aberto também e etc.⁷

⁶ Organização da sociedade civil brasileira.

⁷ Os guias já estão disponíveis para download na página da FLACSO Brasil na internet. Ver: ABRAMO-

Entrevistadoras: *Era uma parceria de vocês com o Ministério da Educação, certo?*

Miriam: Primeiro sim, mas, a última com o Ministério de Educação foi há 4 anos. Foi a primeira experiência de intervenção que nós fizemos. Logo depois o BID nos contactou para trabalhar em questões relacionadas ao risco, à proteção, à resiliência e foi desse segundo trabalho que saíram os Guias.

Entrevistadoras: *Você comentou sobre o BID, como foi a participação desses organismos internacionais no financiamento da pesquisa sobre o tema da violência aqui no Brasil?*

Miriam: Olha, os organismos na verdade não financiam, por exemplo, quando era a época da UNESCO eles conseguiram um grupo de organizações governamentais, o Ministério da Educação, Ministério da Saúde, nem lembro de todos, tinha tantos parceiros. Os [projetos] da UNESCO tinham muitos parceiros. Os organismos internacionais não têm dinheiro para a pesquisa, isso daí a gente tem que deixar claro, se eles estão interessados em algum tema eles tem que conseguir parceiros. Por exemplo, nós fizemos duas pesquisas também sobre gangues, as duas em Brasília, uma sobre gangues e questão de gênero e a outra somente sobre a questão de gangues. Todas com financiamento dos estados ou do governo federal, etc.

Entrevistadoras: *Então para falar um pouco mais sobre o desenvolvimento de pesquisas sobre violência escolar no Brasil, o estudo sobre violência nas escolas foi influenciado aqui no Brasil por pesquisas internacionais?*

Miriam: Ah sim, muito! Nós começamos fazendo um estudo sobre o estado da arte de todas as pesquisas internacionais, falando um pouco das diferentes linhas que existiam em relação a essas pesquisas e continuamos. Porque, na verdade, “qual é a grande questão de uns 10 anos para cá?” É a questão do *bullying*. Porque o *bullying*

VAY, M.; SILVA, A. P.; FIGUEIREDO, E. *Guia para estudantes: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo!* 1. ed. Rio de Janeiro: FLACSO Brasil, 2018. v. 1. 93 p. e ABRAMOVAY, M.; SILVA, A. P.; FIGUEIREDO, E. *Guia para diretores e professores: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: faça você mesmo!* 1. ed. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2018. v. 1. 89 p. Disponível em: <http://flacso.org.br/?publication=guia-para-diretores-e-professores>. Acesso em: 18 jan. 2019.

tomou tanta força, não só na imprensa, como teoricamente também, que você chega numa escola e pergunta para os meninos: “Que tipo de violência tem nessa escola?” - Ah o *bullying*”.

Isso nos complicou um pouco a vida, porque nós partimos do princípio de que, não que ele não exista, mas que o *bullying* está incorporado na violência. Quero dizer que o grande tema é a violência nas escolas. *Bullying* também é um termo muito específico originalmente, é violência entre pares. Então, isso está muito bom quando você vive na Noruega que foi onde começou o conceito com Olweus⁸ e etc. Mas, como é que você vai falar de violência de professor contra aluno em um país do norte da Europa? Como é que você vai falar de violência de aluno contra professor? Como é que você vai falar de entrada de violência de fora para dentro da escola? O *bullying* trabalha aspectos específicos da convivência entre os pares. Então nós tentamos muito explicar essas diferenças porque isso é importante, porque se você coloca tudo da mesma forma, você não pode pensar em políticas. Como é que você vai pensar políticas para racismo, para homofobia, para as relações sociais, para a violência de professor contra aluno? Como é que você vai pensar isso numa coisa tão geral assim com o conceito de *bullying*? Você tem que especificar, você tem que conhecer, você tem que mostrar cada um dos problemas, e essa foi muito a nossa linha de pesquisa.

Entrevistadoras: *Sobre essa questão da influência internacional, ficamos interessadas nessa parceria com pesquisadores franceses, como Debarbieux e Charlot. Como foi essa interação com eles e com a agenda de pesquisa que eles tinham na França naquele momento? Houve influência das pesquisas que ocorreram em outros países, como os Estados Unidos também? Você mencionou no início da entrevista alguns estudos durante a sua estada nos Estados Unidos...*

Miriam: Nos Estados Unidos eu acho que era outra coisa, eles trabalhavam a questão da escola e não a questão da violência na escola. Foi lá que eu me sensibilizei para esse tema. Enfim, influência mesmo eu tive dos franceses, do [Eric] Debarbieux. Eu comecei a ter uma relação maior com o pessoal da pedagogia insti-

8 OLWEUS, D. (1991). *Bully/victim problems among schoolchildren: Basic facts and effects of a school based intervention program*. In D. J. Pepler & K. H. Rubin (Eds.), *The development and treatment of childhood aggression*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.

tucional que também trabalhava com a violência nas escolas, com o [Bernard] Charlot, que mora aqui no Brasil, em Sergipe. O Charlot trabalhava mais a questão do saber, como que essas violências podiam prejudicar a aprendizagem. O saber e a questão do interesse dentro das escolas. É o Jacques Pain, que também trabalha a pedagogia institucional, que dizia que toda a escola é uma instituição violenta e não se pode negar. Nós até fizemos juntos um artigo para um livro muito interessante sobre pedagogia institucional que saiu há uns três anos na França⁹.

Vou dar alguns exemplos, de que o fato de não ter diálogo com os pais, o fato de não levar em consideração o que é ser jovem hoje nas relações entre professores e alunos, tanto aqui como na França, são fatores ligados à chamada violência institucional. Só para um melhor entendimento, existe uma “violência dura”, que é a violência que está no Código Penal: quando se entra com arma nas escolas, quando se briga ao ponto de machucar alguém, etc. Existe uma microviolência que é o que os meninos chamam “carinhosamente” de violencinha, então, o que eles dizem, “tudo bem eu chamar a menina de sapatão”, por exemplo, isso é uma violencinha. E existe a violência que eu acho que é muito marcante, uma violência que está no cotidiano, que é aquilo que o outro não pode responder. É a violência simbólica. Nela entra o racismo, entra a homofobia, etc. É sobre isso falam que “não tem importância, não tem importância”.

Nos meus trabalhos recolhi vários depoimentos com uma série de apelidos racistas e homofóbicos duríssimos. E é tão interessante que quando eu apresento isso todo mundo começa a rir, entendeu? Riem porque acham divertido falar “cabelo de Bombril”, acham divertido dizer “você é um piche”, enfim, e assim vai, acham divertido isso. A primeira reação das pessoas é achar que isso não é violência. E, finalmente, a questão da violência institucional que nos últimos trabalhos surgiu com muita força, que é essa violência que vem da própria instituição que não reconhece quem são os jovens, os adolescentes e não leva em conta a forma de falar, a cultura juvenil, aquilo que vem de fora para dentro da escola. A forma de ser. É impressionante como não é reconhecida e como existe uma desclassificação do jeito que os jovens são.

9 ABRAMOVAY, M.; PAIN, J. *L'école et ses violences: le parallèle France-Brésil*. In: CASANOVA, R.; PESCE, S. *La violence en institution Situations critiques et significations*. 1ed. Presses universitaires de Rennes, 2015, p. 85-108.

Então, a gente classifica, mas, claro, essas violências elas se permeiam, você não pode dizer que é só violência simbólica. O racismo é violência dura também, está no Código Penal, então essas violências elas vão se permeando. Mas, para as pessoas entenderem como isso é amplo, como abarca muitas coisas e como não é brincadeira, nós levamos em conta esse tipo de divisão, é o que o Charlot também trabalha.

Entrevistadoras: *Comparando os primeiros estudos, na virada dos anos 2000, com o campo de estudos agora, o que mudou nesse período?*

Miriam: Que pergunta triste! Eu acho que mudou uma coisa, que nós notamos pelo menos no jeito, na forma das pessoas falarem, que é a questão do racismo. Por quê? Porque todo mundo sabe que racismo é crime. Então, talvez, ao preencher um questionário, apesar de não perguntarmos os nomes de quem está sendo pesquisado, as pessoas tomam cuidado. Nós tínhamos a pergunta “quem você não queria como colega de sala?” e a resposta “um negro” persiste, não só entre os alunos como também entre os professores, mas, diminuiu muito a porcentagem. A violência verbal continua [muito frequente]. Pelas pesquisas, a entrada de armas na escola parece ter diminuído, eu não sei explicar muito bem se pela forma como a gente perguntou. Porque é claro que qualquer 0,5% ou 1% é importante nessa pergunta. Mas, houve uma diminuição.

O restante dos problemas é exatamente igual. Quero dizer, a violência verbal, a homofobia, o racismo. No questionário parece que diminuiu e quando você vai perguntando e se você vai entrando [na escola], questões vão aparecendo. Evidentemente, se você vai aprofundando, infelizmente eu acho que a gente caminhou muito pouco. Existe uma lei que é a lei *antibullying*¹⁰ e hoje é, ainda bem, lei antiviolaência e *bullying*, pelo menos eles ampliaram, mas acho que isso não quer dizer absolutamente nada. Na prática as leis não são levadas em conta.

Entrevistadoras: *As pesquisas que foram realizadas ao longo dessas duas décadas tiveram alguma mudança de abordagem, uma questão mais dominante antes e agora?*

Miriam: Eu acho que nós fomos experimentando. Acho que ex-

¹⁰ Brasil. Lei n. 13.185 de 06 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13185.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

perimentamos até hoje, nós não conseguimos fechar um modelo e dizer que a pesquisa “deve ser assim”. E eu acho isso infelizmente. Porque, talvez, se a gente tivesse feito isso, os estudos seriam comparativos. Hoje não se pode comparar porque sempre são estudos onde mudam os questionários, vão mudando e se ampliando as questões. Mas, eu acho que a metodologia deve sempre contar com *surveys*, os mais amplos possíveis, o que também depende do orçamento. Além dos questionários, [contar] com a realização de grupos focais, com entrevistas em profundidade. Eu acho que isso continua com a mesma forma desde que a gente começou até hoje. Sendo que hoje já se propõe um projeto de intervenção com material didático para que seja realizado.

Entrevistadoras: *E existe uma abordagem dominante nos estudos sobre violência nas escolas no Brasil, por exemplo, uma abordagem mais pedagógica, sociológica ou mista?*

Miriam: Tem muito pouca coisa. Teve uma época interessante que a Marília Spósito¹¹ começou a fazer algumas pesquisas e elaborou a história da arte do que existia etc., mas é muito pouca coisa que existe no Brasil. Eu acho que a nossa abordagem não é pedagógica, é uma abordagem sociológica, quer dizer, é uma abordagem que vê a escola como uma instituição social (a instituição social talvez mais importante na vida dessas crianças, adolescentes e jovens) e todos os fenômenos que acontecem dentro dessa instituição social. Nós não fazemos propostas relacionadas ao cotidiano do ensino, aprendizagem da escola, não é isso. Nós temos uma forma muito mais ampla de analisar para que se possa fazer alguma coisa o material das pesquisas.

Entrevistadoras: *Miriam, considerando o fato de que o tempo passou e a gente continua tendo problemas que são tão semelhantes relacionados à violência nas escolas, na sua opinião, o que explica esse volume tão pequeno de pesquisas relacionadas ao tema? Por que o campo ainda é reduzido em termos de quantidade de pesquisadores e de número de publicações?*

Miriam: Eu acho que não é um tema nobre. Porque na verdade outros temas servem mais para se pensar a realidade, servem mais para a política pública. Esse é um tema que sempre foi colocado

11 Spósito Pontes, M. (2001). “Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil”. *Educação e Pesquisa*, 27(1).

muito de lado e não foi levado em consideração como prioritário. Por exemplo, hoje eu conheço uma pessoa que está fazendo uma tese sobre violência nas escolas, eu não conheço cinquenta [pessoas]. Bom, eu não devo ter efetivamente toda essa informação, mas me chamou atenção durante esses anos que são muito poucos que estão fazendo dissertações de mestrado, teses de doutorado. É muito pouco. É muito pouca gente.

Entrevistadoras: *Alguns estudos têm investigado a violência entre crianças, mas a maioria deles ainda se concentra em discutir o fenômeno entre jovens. Você também tem muitas pesquisas sobre a juventude antes mesmo do tema da violência nas escolas. É possível discutir violência escolar sem o tema da juventude?*

Miriam: No Canadá eles começam a fazer trabalhos de intervenção desde o ensino infantil, então tem muitas pesquisas sobre violência nas escolas no ensino infantil. No Brasil, nunca ninguém quis financiar nem educação infantil, nem o ensino fundamental. A preocupação era com os últimos anos onde os meninos já eram adolescentes. Na universidade, sim, nós tentamos muito, principalmente como eixo a questão de gênero, mas, nós nunca conseguimos financiamento. Então, evidentemente que se concentrou numa faixa etária em que acham que é a faixa etária mais problemática, negando que talvez se você conhecesse toda a trajetória do que acontece com crianças, crianças mesmo, crianças desde o ensino infantil até antes do sexto ano também seria uma coisa fundamental, mas pelo menos no Brasil está concentrado em jovens, também porque é onde há mais problemas. Se você perguntar se o ensino infantil tem tanto problema quanto nas escolas de ensino fundamental II, claro que não. [No fundamental II] aparecem os problemas de uma forma muito mais contundente, eu penso que é por causa disso.

Entrevistadoras: *Nas suas pesquisas você menciona a violência intramuros e a extramuros, qual é a importância de fazer essa diferenciação?*

Miriam: Eu não chamo mais assim dessa forma. Mas, quando a gente começa a fazer pesquisa sobre violência nas escolas a primeira reação que se tem é dizer “mas, isso é um problema que não pode ser resolvido, porque a sociedade é violenta e enquanto a sociedade for violenta, a escola vai ser violenta”. Existe determinada razão. Quando a gente fala [de violência] extramuros, são violências que entram de fora para dentro. Por exemplo, tem uma briga de gan-

gue ou do tráfico no bairro e respinga para dentro da escola. Tem dois meninos que brigam no bairro e um vem armado para mostrar que tem arma e às vezes chega a atirar mesmo, porque a gente sabe como é a questão das armas e quem tem acesso pode utilizar a qualquer momento. Mas, na verdade, o que a gente foi descobrindo durante esses anos, é que a escola não só reproduz as violências que estão fora, ela produz as suas próprias violências.

Entrevistadoras: *Então, qual é a importância desses conceitos para atuação dos professores, diretores e demais funcionários da escola? Dessa violência que acontece só dentro e essas que “respingam” para dentro?*

Miriam: Eu acho que é fundamental. Porque eu dou um curso pela Clasco¹² para toda América Latina e o meu tema é violência nas escolas, e a primeira coisa que todos os alunos falam e são alunos principalmente de mestrado e doutorado, é isso. Quer dizer, a violência, não adianta discutir, porque a violência está na sociedade e não tem como resolver. Muitos dos adultos e muitas das pessoas que trabalham dentro das escolas pensam o mesmo.

Por isso, a gente insiste muito que se todo o trabalho sobre violência nas escolas não é feito juntamente com uma proposta de formação de professores é muito difícil mudar. Os professores têm a oportunidade de discutir e de pensar sobre todos esses temas. Porque muitas vezes parece que é óbvio, entendeu? E são temas que, absolutamente, não são óbvios: o tema da adolescência e juventude, da violência ou da percepção desses professores, desses adultos, sobre os jovens na nossa sociedade (que é muito negativa).

Entrevistadoras: *Ainda sobre a questão da violência intra e extramuros você disse que já não usa mais essa diferenciação. E você está substituindo por qual definição? Qual é a melhor maneira de abordar essa questão?*

Miriam: Eu falo da violência interna e da violência externa à escola. O Charlot fala da violência na e a violência da [escola], ele faz essa diferença. Mas, enfim, nós passamos aí por vários caminhos, mas hoje a gente fala sobre a violência que acontece dentro das escolas e a violência que acontece fora das escolas, na comunidade ou na sociedade.

¹² Conselho latino-americano de Ciências Sociais.

Entrevistadoras: *O senso comum associa de modo direto vulnerabilidade social e violência. Localidades que são mais vulneráveis são mais violentas e, por conseguinte, nelas há escolas também mais violentas. Então, é possível ter escolas não violentas em áreas de maior vulnerabilidade?*

Miriam: Quando começamos a fazer as pesquisas, o nosso segundo trabalho foi pegar uma escola que tinha dado certo, nós trabalhamos em 10 ou 12 capitais, nós pegávamos o que se chamam experiências inovadoras¹³. Nós estudávamos porque essa escola tinha dado certo. Eram escolas em áreas violentíssimas, eram escolas que poderiam ter os mesmos problemas que as outras e aí tem algo que é de funcionamento da escola mesmo, da gestão da escola, da forma dos professores da escola, de como a escola se comporta. Então, não é por estar numa área violenta que a escola vai ser violenta obrigatoriamente, ela pode até sofrer isso que se chamou de violência de fora para dentro. Pode ter, por exemplo, uma escola que não é absurdamente violenta, entrou um menino e matou o outro dentro da escola, mas não era uma escola violenta, era uma escola que dava super certo. A gente tem que ter muito cuidado quando a gente utiliza os conceitos também para não enquadrar as escolas. Quer dizer, escolas violentas estão em áreas violentas, tudo que está em área de vulnerabilidade social é violento? Não, nem sempre. A dinâmica da escola pode conquistar de tal forma os alunos ou a escola pode ser tão interessante que faça que ela não seja violenta, isso é possível.

Entrevistadoras: *Miriam, o que você percebeu em termos da gestão da escola? Você mencionou anteriormente a relação do professor com aluno, do respeito nessas relações, do envolvimento das famílias. O que essas escolas, caracterizadas por experiências inovadoras, apresentam em termos de gestão, o que os diretores dessas escolas estão fazendo?*

Miriam: Eu acho que primeiro não é só o gestor, é o gestor e o corpo docente, a equipe. Nós fizemos um estudo também para o Ministério da Educação, deve ter sido há três anos atrás, que a pergunta do Ministério da Educação era a seguinte: por que os jovens permanecem nas escolas e não por que eles saem¹⁴. E foi uma barra pesada a gente responder isso, foi bem difícil. Mas conforme foram

¹³ ABRAMOVAY, M.; ALLI, M. A. E. (Org.). *Escolas Inovadoras (versão resumida)*. 1. ed. Brasília: UNESCO, 2004. v. 1. 124p.

¹⁴ ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; WAISELFSZ, J. J. *Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?*. 1. ed. Brasília/DF: Flacso/Brasil, 2015. v. 1. 244p.

se dando as entrevistas, nós percebemos o seguinte: que eles diziam, as pessoas que ficam são as pessoas que tem um bom professor, tem um bom diretor, um bom gestor da escola, tem um professor que os escuta e tem um professor que saiba ensinar.

A gente muitas vezes coloca como secundário, mesmo nessa questão de violência nas escolas, a questão do saber, a questão do ensino, de aprendizagem e essa questão é fundamental, porque se nós pensamos que esses meninos estão lá e que eles não querem aprender nós nos enganamos muito. Porque essa é a visão que tem muito dos professores: “eles estão porque eles têm que estar, senão eles não estariam na escola”. Claro, chata do jeito que a escola é, eles não estariam na escola mesmo, mas ao mesmo tempo eles têm muita consciência que é o único meio de eles terem alguma possibilidade de, como eles dizem, “ser alguém na vida”, de ter alguma mobilidade social, [somente] se eles estudarem. Eles têm perfeita consciência disso. A escola não consegue é segurá-los, então eu acho que é um conjunto. A questão da família que você perguntou ela é fundamental também, no entanto, nós temos no Brasil um mecanismo que expulsa a família das escolas. Como eu sempre digo, os muros não são simbólicos, os muros são mais que simbólicos, querem dizer para ninguém pode entrar, nem na escola e nem na comunidade e etc. Claro que existe a questão da violência, existe toda essa questão de quem entra na escola e quem não entra, mas eu acho que as famílias, elas têm muita dificuldade desse diálogo com a escola, principalmente quando eles [alunos] são mais velhos. Talvez nem precise [do diálogo da família com a escola], mas algumas vezes precisa mesmo. Mesmo quando eles são menores no Ensino Fundamental II, no Ensino Fundamental, é muito difícil as famílias entrarem e dizerem o que elas pensam, tem poucas oportunidades e eu acho que isso também é um fenômeno complicado.

Entrevistadoras: *Voltando nessa questão dos contextos violentos, qual seria então o papel da escola?*

Miriam: A escola é a única instituição social, porque a primeira, a família, é privada, por onde essas crianças, adolescentes e jovens passam obrigatoriamente. A não ser que tenham ligação com alguma ONG ou com partido político, o que é raríssimo. Esses meninos, pelas pesquisas, cada vez mais têm dificuldade de ter acesso à cultura e ao lazer, porque é caro, porque têm que pegar ônibus, porque é longe, porque os bairros realmente são desprovidos de algumas dessas necessidades básicas para a juventude. Então, a escola se torna

um lugar central e devia ser um lugar também de proteção. Muitas vezes o é. Quando você trabalha em bairros muito violentos, estar na escola significa estar protegido. Aliás, tem uma pesquisa do IPEA mostrando que os jovens que abandonam a escola, morrem muito mais do que os jovens que estão escolarizados¹⁵. Então efetivamente a escola é um lugar de proteção, mas poderia ser muito mais se ela tivesse outros mecanismos de incorporação, de participação dos jovens. Ela podia ser um lugar de muito mais divertimento, de muito mais lazer e de muito mais aprendizagem também.

Entrevistadoras: *Quando você fala sobre outros mecanismos, você se refere às políticas tais como abrir a escola em finais de semana, participação da comunidade na escola, ou se refere à uma ação de cunho mais pedagógico?*

Miriam: Eu acho que é sempre legal ter um projeto na escola, abrir a escola. Eu conheci muito bem esse projeto [Escola Aberta], gostava muito. Depois esse projeto foi substituído pelo Mais Educação. Enfim, começa um projeto em cima do outro e as coisas vão terminando. Mas não era disso que eu estava falando não. Eu estava falando dos próprios mecanismos existentes dentro da escola, que eles fossem mais abertos para poder incorporar a comunidade, porque a comunidade são os pais. Quem vai para dentro da escola? São os pais que vão para dentro da escola e estão interessados no que está acontecendo com seus filhos. Eu falava mesmo de possibilidade de ampliação, de diálogo dentro da escola.

Entrevistadoras: *Todas as pesquisas que comentamos até agora são estudos sobre violência que se concentram nas áreas urbanas. Por que se dá esse fenômeno?*

Miriam: Como tudo. Tudo se concentra nas áreas urbanas. Você tem muita razão de chamar atenção sobre isso. Tem duas questões. A primeira é que tudo se concentra nas áreas urbanas e os maiores problemas também. Não é que não existam problemas de violências nas áreas rurais. Eu fiz um estudo sobre o MST¹⁶ há muitos e muitos anos, foi antes desse de violência nas escolas, deve ter sido

¹⁵ Ver Instituto de Pesquisas Econômica Aplicada. Indicadores Multidimensionais de Educação e homicídios nos Territórios Focalizados pelo Pacto Nacional pela Redução de Homicídios. Nota Técnica n. 18. Brasília: mai. 2016. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160510_notatecnica_diest_18.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2018.

¹⁶ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

no ano 2000, eu acho. Nós estávamos nas áreas rurais e a gente não estava com a preocupação de violência nas escolas, mas se falava muito da questão da violência de gênero, violência na família, violência contra as crianças, etc¹⁷. É obvio que nas áreas rurais devem acontecer exatamente as mesmas coisas, talvez não de forma tão contundente. As salas talvez sejam menores, mas o problema da violência, não só da violência de mortes no campo, mas de assalto, de roubos, etc., é cada vez maior.

Entrevistadoras: *O Brasil sempre aparece nas primeiras posições dos rankings internacionais de violência nas escolas, principalmente quando se considera a percepção de professores. Há hipóteses para explicar esse fenômeno?*

Miriam: Primeiro, não existem pesquisas comparativas, o Brasil não tem nem uma pesquisa nacional sobre violência nas escolas, sequer sobre violência para com os professores. Segundo, eu acho que não se escuta os alunos, se escuta sempre os adultos. É o que estávamos falando anteriormente, a sociedade tem uma certa desconsideração pelos adolescentes e pelos jovens. Criança nem se fala. É um escândalo quando aparece um professor que apanhou, mas há casos nas escolas, há casos muito complicados de violência de professor para com os alunos. Isso não aparece, isso não é um tema e isso não é uma questão, então eu acho que é por isso, se escuta a reclamação dos professores, não se escuta a percepção dos alunos sobre o mesmo tema.

Entrevistadoras: *Porque essas fontes normalmente são os questionários que são preenchidos na ocasião das avaliações externas, não é?*

Miriam: Da avaliação, eu acho que é o diretor que preenche.

Entrevistadoras: *É, no PISA¹⁸ e na Talis¹⁹ os professores respondem ao questionário. São pesquisas que tentam fazer essa comparação fazem-*

¹⁷ ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. *Companheiras de Luta ou 'Coordenadoras de Painel': as relações de gênero nos assentamentos rurais*. Brasília: UNESCO, 2000. v. 1.

¹⁸ *O Programme for International Student Assessment (Pisa) – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – é uma avaliação internacional comparada, aplicada a estudantes de 15 anos matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental.*

¹⁹ *A Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (Teaching and Learning International Survey - TALIS) coleta dados comparáveis internacionalmente sobre aprendizagem e condições de trabalho dos professores*

do uso desse instrumento. Talvez essa seja a fragilidade desses instrumentos, não perguntar sobre essas questões para os alunos?

Miriam: É, mas isso é em tudo. Por exemplo, se existe um caso, se você olha nos jornais, numa época que a gente fazia muito, a gente levantava os casos de violência e fazia uma análise sobre a visão da imprensa, como os jornais viam os casos de violência. Se existisse um caso de violência numa escola, o aluno bateu no outro, teve que ir para o hospital, a televisão, os jornais iam para a escola, eles não falavam com esses alunos, eles falavam com os adultos da escola. Se existia caso de violência do aluno para com o professor, eles falavam com professor (a), eles jamais perguntavam para os alunos porque o aluno bateu naquele professor (a). Eu não estou dizendo que aluno tem que bater em professor, evidentemente que não, mas tem que saber por que aconteceu alguma coisa aconteceu ali. Não é simplesmente que o professor mandou o aluno ir para fora da sala de aula e ele veio e me deu um soco na cara, quer dizer que tudo isso tem uma história e essa história nunca aparece. Eu não estou falando e não estou culpabilizando os professores, ao contrário, acho que vida de professor é dura mesmo. Acho que lidar com esses meninos e essas meninas é duro mesmo. No entanto, vamos saber o porquê, vamos conhecer melhor. Vamos conhecer melhor a percepção sobre o porquê acontece esse tipo de fenômeno.

Entrevistadoras: *Anteriormente, já comentamos sobre a comparação com a década de 90, sobre o que sabemos sobre violência nas escolas e outros fenômenos que acontecem em contextos escolares. Mas gostaríamos que você comentasse mais um pouco sobre o que temos avançado em relação à estratégia de enfrentamento à violência nas escolas.*

Miriam: Eu acho que muito pouco, porque não há políticas públicas. Na verdade, teria que existir uma política pública federal, mas cada estado e município tem as suas políticas públicas. Eu já disse, não é um tema nobre, a gente não coloca dinheiro para isso, e fazer experiências e avaliar as experiências é uma coisa muito cara. De repente tem um BID que resolve durante dois anos fazer o projeto, mas, depois não há seguimento. Não tem uma política pública, se você me perguntar que estado tem, não acho que tem, pelo menos que eu conheça.

Entrevistadoras: *E ações no âmbito internacional que você conhece que pareça promissor para o caso brasileiro?*

Miriam: Eu acho que isso que a gente pegou do BID, que foi uma experiência do Banco Mundial, que veio de lugares da América Central, foi muito interessante. O que a gente fez, acho que em muitos lugares nem se trabalha talvez não da mesma forma, mas se trabalha de uma maneira que você possa primeiro conhecer, mapear as violências nas escolas, diagnosticar para pensar conjuntamente o que fazer, por que não? Agora, isso tem que ter dinheiro para colocar. E eu acho que é o que acontece em outros lugares, existe verba no Canadá, Estados Unidos e etc. voltadas para esse tema que não existe no Brasil.

Entrevistadoras: *Então se a gente pudesse pensar em ações voltadas para a formação de professores? Como pensar nessa formação desses profissionais para lidar com episódios de violência nas escolas ou então pequenos delitos e agressões?*

Miriam: É o que nós pensamos. Primeiro, que eles tivessem uma formação teórica, eles entendessem o que é adolescência e juventude no Brasil, o que é ser jovem e adolescente no Brasil hoje. Uma discussão contundente sobre esse tema. Entendessem um pouquinho melhor a importância e o papel da escola na sociedade e também pudessem discutir a importância e o papel deles, porque os professores se colocam muito como vítimas e eles tem determinado tipo de razão, mas, reforçar a importância e o papel desses professores na sociedade, para depois a gente entrar.

Primeiramente, eles têm que entender que não se faz qualquer tipo de trabalho se você não tiver minimamente algum tipo de dado, então eles têm que aprender metodologia de pesquisa, eles têm que saber, tem que entender um pouco, eles têm que saber como que eles fazem uma pesquisa rápida, como eles poderiam fazer nas suas escolas, como eles poderiam fazer uma entrevista como eles poderiam fazer um grupo focal etc, instrumentos mínimos. Eles vão tendo essas matérias e aí eles têm que apresentar um projeto de intervenção social, não é um projeto teórico, é um projeto que eles vão intervir na escola onde eles apresentam ferramentas e instrumentos dessa intervenção social, que serviria para eles entenderem, para eles dominarem melhor a realidade e para que possam propor programas e projetos para as suas próprias escolas. Eu acho que seria uma coisa muito efetiva.

Entrevistadoras: *E sobre a formação dos diretores?*

Miriam: Ah, eu acho que é igual, a mesma coisa é exatamente o mesmo que eles têm que passar. Pelo mesmo processo de entendimento, de entender o que acontece na escola, na comunidade, o que acontece na sociedade também, a questão da vulnerabilidade que não se falou, da exclusão social de todos os tipos de preconceito. Eles têm que entender exatamente como os professores analisam e vivenciam as questões e também os alunos e familiares para eles poderem ter um manejo daquela escola, daquela pequena sociedade de uma forma mais contundente.

Entrevistadoras: *Ainda sobre políticas públicas, como conectar ou se é possível conectar contextos escolares com segurança pública?*

Miriam: Deveria ser, mas não da forma que está sendo. Eu acho que aí há vários problemas, o primeiro problema é o fim para os menores daquele programa PROERD²⁰ (onde a Polícia Militar entra nas escolas para ensinar que droga é ruim), o que realmente não dá certo. Inclusive o Fórum²¹ fez uma avaliação desse programa e avaliação não é positiva.

O segundo, é que se tem uma tendência a achar que a polícia vai resolver os problemas que são problemas internos da escola. Então, quando há uma briga na escola se chama a polícia. Existe uma tendência à judicialização da educação, o que é terrível, porque as pesquisas provam também que quanto mais a escola sai e não assume os seus problemas, menos confiança os adolescentes e jovens têm nessa instituição, isso que é terrível.

E por último, têm as escolas militares que está sendo uma tendência no Brasil. Também é complicado porque enfim acho que militarizar uma escola é uma tendência porque se diz que se vai conseguir melhores alunos, alunos mais comportados e alunos que tenham melhores notas etc. Mas para aquela escola [militar] já foram os melhores alunos, os mais comportados, os que tem melhores notas, é uma escola bastante de elite, e aí você está pensando que educação é só aprendizagem, é só o ENEM, mas é muito mais do que isso, a escola é um lugar de socialização também. Tudo que nós não queríamos na nossa sociedade é que os nossos jovens e adolescentes fossem socializados pelos militares, tudo que a gente não queria pela nossa própria experiência histórica.

²⁰ Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd) é uma cooperação entre a Polícia Militar, Escola e Família.

²¹ Se refere ao Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP.

E tem um outro ponto também sobre isso, que é sobre a Guarda Municipal. Em alguns lugares está entrando nas escolas para fazer alguma coisa que nem eles sabem bem o que é, então a segurança pública tinha que ser tão capacitada sobre esses temas quanto os professores. É fundamental que isso seja realizado, porque aí sim pode haver um diálogo, mas um diálogo profícuo. Eu acho que teria que haver um diálogo sem dúvida e discutir essa questão da violência, poderia ser um diálogo interessante.

Entrevistadoras: *Então qual seria o limite do papel da polícia e da guarda nas escolas?*

Miriam: Eu acho que tem que delimitar muito. Eu acho que a polícia não tem que ensinar, a segurança pública tem que cuidar da segurança. Então eles têm que cuidar que esse menino saia de casa e chegue à escola com segurança, isso que não acontece. Eles não estão ali na rua cuidando desses meninos, porque quando você tira da escola o papel de ensinar é a mesma coisa, as pessoas perdem confiança, ou seja, tem que chamar a polícia para falar de droga porque a escola não pode falar sobre droga? É complicado esse tipo de intervenção dentro das escolas. No entanto, eu acho que tem a questão de segurança pública e se tiver que entrar nas escolas, eu acho que tem que ser de uma forma mais aberta, mais democrática, com mais informação que absolutamente eles não têm.

Entrevistadoras: *Miriam, observamos que ao conversar com os professores em formação, nossos alunos, eles relatam a dificuldade de diálogo com os gestores, principalmente porque eles percebem uma demanda por essa judicialização nos diretores, na equipe em alguma medida.*

Miriam: Até nos pais.

Entrevistadoras: *Sim. Gostaríamos que você comentasse se essa demanda por uma atuação mais presente das instituições de segurança dentro da escola já aparecia nas pesquisas, nas conversas e nas visitas que vocês fizeram ou fazem nas escolas.*

Miriam: Sempre apareceu. Quando nós pedíamos algumas recomendações, essa era uma das recomendações, ou seja, que a polícia estivesse dentro da escola. Sempre apareceu, eu acho que talvez agora está sendo mais contundente isso, principalmente com essa questão das escolas militares. Os gestores militares nas escolas e etc., isso

não existia, mas eu acho que foi uma questão que sempre apareceu.

Entrevistadoras: *Como você vê o futuro das escolas nesse cenário de militarização, judicialização e participação da polícia no contexto escolar?*

Miriam: Bom, eu espero que isso não tenha futuro. Basta tudo que está acontecendo na nossa sociedade, pedindo a volta da ditadura e etc., que tem um pouco de relação. Eu espero que a escola possa se manter sem intervenções maiores, senão a de proteção ou senão quando tem alguma necessidade dentro das escolas quando acontece uma violência dura, quando alguém entra com arma e etc., que é de proteção mesmo. Agora, ir para as escolas ensinar, a gente tem que saber muito bem o quê. E por que essa necessidade que os guardas e que as polícias entrem para as escolas para ensinar? Porque historicamente nós não temos bons exemplos, e se você fala, por exemplo, com criança eles aceitam, agora fala com adolescente sobre a polícia, sabemos o que é a visão negativa que eles têm sobre a polícia é simplesmente medo, então tem que saber muito bem qual polícia e o que polícia vai fazer lá.

Entrevistadoras: *Na visão do senso comum há relação entre disciplina e participação dessas forças estatais, polícia e ausência de episódios de violências...*

Miriam: A gente não pode dizer que isso vai dar certo para todos os adolescentes e jovens porque essa não é a característica do adolescente e dos jovens, característica do adolescente e do jovem é aproveitar a vida, é socializar, é ter amigos, é se divertir, é aprender, sem dizer que eles não querem aprender absolutamente, mas levando em conta a forma de ser do adolescente e do jovem. Nós estamos forçando uma militarização da escola e achando que isso é que está correto, ou seja, que nós temos que formar pessoas para o amanhã com uma cabeça militarizada, sem levar novamente em conta que não é esse o caminho.

Entrevistadoras: *Agora você falou um pouco sobre o futuro da escola, mas a gente também queria conhecer sua opinião sobre o futuro da pesquisa sobre violência nas escolas. Se você tivesse que propor uma agenda para os próximos anos diante desse cenário, do contexto que a gente vive, político, econômico e social, para onde avançaria a pesquisa nessa área?*

Miriam: Na verdade são duas coisas. Primeiro, estudos de casos que eu acho que são importantíssimos porque, se não for isso, vai ser muito difícil fazer pesquisa, porque os *surveys* são muito caros. Segundo, são os *surveys* que são fundamentais, mas se não existir uma política pública para suportar esse tipo de pesquisa, nós sempre vamos ter um buraco como nós temos. Outros países sabem exatamente o que está acontecendo onde e como, então isso seria o ideal para poder caminhar. Senão se pode caminhar por aí, vamos partir estudos de casos que também são importantes e são válidos.

Entrevistadoras: *A sociologia tem muitos trabalhos que discutem esse tema, mas sem entrar na escola com tanta intensidade, é mais difícil parece.*

Miriam: Claro, sem entrar na escola e falando mais da sociedade da questão da violência e juventude, enfim da violência que acontece na sociedade e etc., e a escola também fica um pouco desprezada, o que é uma pena.

